O 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: ALFABETIZAÇÃO COMO BASE PARA O PROCESSO EDUCATIVO[1]

Amilton Andrade Santos Júnior
Eurenice Santos da Silva Leão
Silvânia Pereira da Silva[2]

RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo verificar o 1º ano do ensino fundamental e o processo de alfabetização dentro desta etapa educacional. Analisa a implantação do ensino fundamental de nove anos e, em especial, o ingresso e a adaptação da criança de seis ao primeiro ano. E ainda enfatiza a atuação do pedagogo, seu objetivo e suas metodologias utilizadas nas práticas pedagógicas utilizadas no 1º ano do ensino fundamental. Para efeito deste estudo foram realizadas leitura de textos e livros concretizando uma pesquisa bibliográfica. As práticas dos professores são desenvolvidas através de alfabetização e atividades lúdicas, que tem mostrado muitas dúvidas quanto aos aspectos da legislação e também sobre o que e como trabalhar com as crianças do primeiro ano. Um dos eixos norteadores da ação educativa no primeiro ano do ensino fundamental é o desenvolvimento das múltiplas linguagens, a socialização, o desenvolvimento da criatividade e da autonomia.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Alfabetização. Prática Docente.

---

[1] Trabalho de Conclusão de Curso orientado Pela Profª Msc. Rita de Cássia Dias Leal.
[2] Acadêmicos Concludentes do Curso de Pedagogia da Faculdade São Luís de França.

INTRODUÇÃO

Este artigo traz uma reflexão sobre o 1º ano do ensino fundamental, enfatizando a alfabetização como base para o processo educativo, e elucidando a discussão sobre a problemática de como a criança com 6 anos pode vivenciar essa transição de forma satisfatória.Busca também perceber até que ponto referido ano é entendido como é continuidade da educação infantil.

Este trabalho reforça os estudos diante da relevância de uma base educacional bem estruturada e planejada, que possa conduzir os educadores na trajetória de ensino, com o intuito de desenvolver habilidades e competências dos educandos, envolvendo-os nos conteúdos correspondentes ao 1º ano, através de procedimentos metodológicos adequados às necessidades da faixa etária (6 anos), continuando o trabalho desenvolvido na educação infantil.

Para que esse processo educacional inicial seja desenvolvido e planejado com êxito é preciso promover atividades significativas em um ambiente acolhedor e prazeroso, assegurando uma aprendizagem benéfica para o desenvolvimento do corpo e da mente.

Diante dos resultados obtidos na pré-escola com crianças de 5 anos, que reafirmam a dificuldade generalizada dos alunos quando ingressam no 1º ano do ensino fundamental, surge a necessidade de elaborar este artigo para compreender a relevância desse processo de transição e os problemas enfrentados pelos educandos.

O primeiro ano do ensino fundamental é fortemente determinado por experiências vividas, desenvolvidas de forma lúdica, portanto o ensino deve diminuir a ansiedade e o medo dos pequenos, facilitando o seu ingresso nesse novo nível educacional, de forma segura e acolhedora.

O trabalho verifica se o atendimento pedagógico ás crianças com 6 anos está sendo visto com comprometimento nesse processo de ingresso no 1º ano do ensino fundamental, processo esse que deve ser construído e reconstruído processualmente

A pesquisa bibliográfica é base deste estudo com caráter exploratório e abordagem qualitativa. Para efeito dessa pesquisa foram realizadas leituras, análises e interpretações de livros, textos de legislação, entre outros documentos,

acompanhadas de anotações que serviram para a fundamentação teórica desse estudo, de modo que as ideias dos autores foram analisadas para que pudéssemos chegar ao objetivo geral de investigar o 1º ano do ensino fundamental como nível de processo de alfabetização, ressaltando a importância das habilidades de escrita, das brincadeiras, do afeto e da criação de um ambiente rico de exploração nessa etapa de escolarização.

O 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

A Lei n. 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, instituiu a obrigatoriedade do ensino fundamental de nove anos, com matrícula aos seis anos de idade, e estabeleceu prazo de cinco anos para que todos os sistemas se adaptem à ampliação do ensino fundamental. Nesse prazo, devem ser tomadas providências, como a adaptação da estrutura física das escolas, a construção de salas de aula e a formação continuada de professores e gestores de educação.

De acordo com Rapoport (2009) a mudança para o ensino fundamental de nove anos, no qual as crianças ingressam com seis anos no primeiro ano e não mais com sete anos na primeira série, faz com que a proposta pedagógica precise ter como ponto de referência as especificidades infantis, as características de desenvolvimento e aprendizagem e a realidade do contexto socioeconômico e cultural, no qual os educandos encontram-se inseridos. O ingresso no ensino fundamental é mais um momento de desafio e novidade que poderá ser vivido com alegria, tranqüilidade, ou com insegurança. Esse é um momento de adaptação que deve ser considerado as peculiaridades da idade, ou seja, a faixa etária que requer um novo olhar, nova estrutura de organização dos conteúdos em um ensino fundamental de nove anos, considerando o perfil de seus alunos.

A mudança no ensino fundamental tem como argumento que a criança ingressando aos seis anos na escola terá mais tempo freqüentando-a. Como o ingresso na educação infantil requer um processo de adaptação, as crianças que nunca freqüentaram uma instituição educativa e chega à escola no 1º ano merecem um cuidado especial no processo de adaptação, ou seja, o ambiente seja físico ou

não no seu interior deve contemplar e aproximar-se das características e necessidades do universo infantil. No caso das crianças que nunca tiveram experiência escolar anteriores, passam por dificuldades para adaptarem-se com professores, conteúdos, exigências, colegas e espaços, além da rotina de ir à escola, a convivência com colegas, aprender a partilhar, conviver e brincar.

Não se trata de inserir na educação dessas crianças os conteúdos e atividades da primeira série, mas adquirir nova estrutura no planejamento. Tais crianças possuem necessidades e características consideráveis que precisam ter relevância no processo educacional e na prática como também a sua adaptação e ingresso. Deve haver uma preocupação do qual seja necessário refletir em uma proposta que não as frustre, pois essas crianças permanecerão bastante tempo ainda na escola.

A expectativa da alfabetização é um fator que afeta as crianças, pais, diretores e professores. A primeira série esta ligada até então ao aprender ler e escrever, a tal mudança não será tarefa fácil. Por outro lado, o processo de adaptação poderá ser influenciado por cobranças equivocadas, principalmente das próprias famílias, leva-se a entender que as crianças de seis anos não serão levadas à escola para já aprenderem a escrever.

Uma das preocupações está em como recebê-las sem as assustarem e de que maneira é possível acolhê-las como crianças que vivem no singular da infância, como encantá-las com saberes e outras que já trazem referência da educação infantil.

Considerando-se a complementaridade entre teoria e os múltiplos aspectos do desenvolvimento, são apresentadas algumas visões que caracterizam a criança de seis anos e que podem contribuir com o trabalho realizado no primeiro ano, particularmente, o período entre seis anos configura-se como divisor de águas entre o pensamento infantil voltado ao imaginário e aquele que se preocupa em adaptar-se ao mundo real, depende de características muito particulares de interação entre a criança e o meio em que vive e não apenas da idade cronológica, o que permite essa mudança no desenvolvimento cognitivo, são as possibilidades de interação de que elas dispõem.

O ensino fundamental de nove anos não foi concebido com intento de levá-las a terem contato mais cedo com conteúdos escolares, mas de fazer com que elas se

5

apropriem mais cedo das oportunidades de conhecimento que a escola propícia. Tampouco se quer adiantar os processos de ensino da escrita e da matemática, infelizmente, muitas crianças brasileiras chegam ao ensino fundamental sem a possibilidade de interagirem com certos objetos de conhecimento, pois muitas provêm de comunidades com carência de acesso a bens culturais, de pais que não sabem ler e escrever.

Segundo Piaget, citado por Rapoport (2009), dos dois aos setes anos, a criança encontra-se no estágio do desenvolvimento que é chamado de pré-operatório. Durante este tempo, o pensamento ainda não segue regras muito elaboradas e entrega-se à fantasia, caracteriza-se por grande imaginação, curiosidade, movimento, desejo de aprender e conhecer através do brincar e do uso de múltiplas linguagens.

Colaborando com o pressuposto, Barbato (2008, p. 21) afirma que:

> A aprendizagem está vinculada ao lúdico, assim como é por meio do faz de conta e de outras linguagens que a criança expressa seu mundo interno, seus sentimentos, afetos, etc. destacam-se em particular a necessidade de se refletir que, ao antecipar o ingresso na primeira série do ensino fundamental, se não houver uma preocupação com esta questão, o tempo da criança de brincar estará reduzido e a sua forma de aprender e de se expressar também será afetada.

O primeiro ano configura-se como um período em que as crianças podem e devem experimentar, com riqueza de atividade intelectual, os conteúdos escolares. Podem fazer essa aproximação através do brinquedo, do teatro, das artes, etc. Elaboram produções de suas vidas e pensam sobre, por exemplo, o caminho que fazem para chegar até a escola.

Enquanto a educação infantil está voltada para o exercício do pensamento em termos de imaginação e espontaneidade, o primeiro ano volta-se para os diversos níveis de raciocínio que ali se encontram, mas em busca de uma atividade mental um pouco mais rigorosa, que visa a construção das operações concretas.

Segundo Freud, citado por Rapoport (2009), a Latência e sublimação são as duas características principais da criança de seis anos. Assim, temos na infância, a fase oral, a fase anal, a fase fálica e a fase da latência, A criança de 6 anos deve estar passando por essa fase da latência. Na latência a energia sexual é redirecionada para fins não sexuais. Todo este processo de desvio das pulsões para

fins não sexuais permite que a criança passe a investir nas relações sociais com outras crianças e espaço para ligações afetivas com outros adultos que não seus pais.

A criança, na fase da latência, tem todas as características necessárias para empreender a nova tarefa que é o ingresso no mundo escolar – capacidade de esperar, de tolerar frustrações, de sentimentos de empatia, de aceitação de regras de investimentos afetivos fora do seu núcleo familiar. Neste sentido, os professores e o ideal escolar vão ocupar parte do lugar ocupado pelo ideal parental. Assim, é a tarefa dos professores e da escola permitir e estimular que a capacidade sublimatória se desenvolva, para isso é necessário que a criança seja escutada nas suas necessidades, trocas afetivas e curiosidades a respeito do mundo para que o conhecimento seja transmitido de forma prazerosa.

Erikson, também citado por Rapoport (2009), destaca por fim, a teoria do desenvolvimento psicossocial proposta, ele propõe uma teoria organizada em oito estágios, sendo que a criança que ingressa no ensino fundamental com seis anos encontra-se no quarto estágio, chamado de indústria x inferioridade e que envolve o período entre seis e doze anos. Nesta fase, diminui a fantasia característica do estagio anterior e a criança começa a se envolver em tarefas reais, não substituindo o seu desejo e necessidade de brincar. É um período apropriado para aprendizagens importantes como ler, escrever e calcular.

O começo da experiência escolar está relacionado ao sentido de indústria, de produzir algo, de ser e sentir-se capaz de aprender e se inserir no grupo social. É uma etapa decisiva em termos sociais, pois a criança começa a aprender a fazer coisas de forma cooperativa (divisão de trabalho), conforme Ferreira e Ries (2002) destacam.

ALFABETIZAÇÃO NO 1º ANO

Segundo Rapoport (2009), o ingresso no ensino fundamental é mais um momento de transição na vida da criança, trazendo-lhe muitas novidades e desafios, às vezes, vividos com plena alegria e tranqüilidade, outras com insegurança,

ansiedade ou medo. Conforme as orientações gerais do Ministério da Educação e Cultura (MEC), essa transição vai além da inclusão de mais um ano de ensino, não se trata de transferir para as crianças de seis anos os conteúdos e atividades da tradicional primeira série, mas de conceber uma nova estrutura de organização dos conteúdos em um ensino fundamental de nove anos, considerando o perfil de seus alunos.

De acordo com a Rapoport (2009), a expectativa de alfabetização é um fator que afeta as crianças, pais, professores, diretores e outras pessoas que se relacionam com este universo. As representações sociais acerca da primeira série estão ligadas ao aprender a ler e escrever e mudar essas representações, agora no contexto do primeiro ano, provavelmente não será tarefa fácil. A autora enfatiza que quando a criança ingressa no primeiro do ensino fundamental, ela dispõe de um amplo vocabulário que lhe proporciona expressar oralmente suas ideias, sentimentos, interesses, desejos e necessidades. Demonstram conhecimento básico sobre os usos e significados da leitura e da escrita, bem como já consegue fazer representações gráficas do código escrito.

Para Pinazza (2007), com definição de que o primeiro ano não se resume a uma mera adaptação das atividades da pré-escola ou da primeira série, é importante organizar e preparar os planos de estudos, o espaço físico e as salas de aula do primeiro ano, é preciso construir um ambiente lúdico, com espaço para brincadeira e jogos, ampliando o acesso e a participação da criança no processo de alfabetização e de letramento, ambos entendidos como eixos estruturantes do plano de estudos do primeiro ano. Assim, considerando que a proposta para o primeiro ano prioriza a definição de uma classe lúdica, focada no processo de aquisição da leitura e escrita, a tarefa do professor é propor desde o primeiro dia de aula, um encontro da criança com o conteúdo da aprendizagem, ou seja, a leitura e escrita.

Pinazza (2007) afirma também que nas salas de primeiro ano devem existir muitos materiais escritos como: alfabeto na parede, cartazes temáticos, jogos, textos coletivos, alfabetário, desenhos, quadro de sílabas, quadro numérico até 100, calendário, coleções escritas espontâneas. Esses materiais servem como modelo para as crianças na construção das suas hipóteses de leitura e escrita. É importante ter na sala uma biblioteca, composta com livros e gibis que apresentam as diferentes formas de escrita: maiúscula, minúscula e cursiva. Nesse espaço pode ser realizado

um trabalho individual, em que cada aluno escolhe o que deseja ler, como coletivo. Uma vez por semana, os alunos vão à biblioteca da escola onde participam da hora do conto e retiram livros para levarem para casa.

Para Rapoport (2009), o lúdico foi entendido como central para o trabalho desenvolvido no primeiro ano. Ele auxilia no desenvolvimento da socialização, da construção de valores, regras e também na apropriação de conceitos e procedimentos relativos às diversas áreas do conhecimento, como diz:

> O primeiro ano do ensino fundamental de nove anos deverá ser desenvolvido como processo de aprendizagem de forma lúdica, respeitando a faixa etária das crianças, sua unicidade e sua lógica. A escola deve disponibilizar espaços, brinquedos, materiais didáticos e equipamentos que configurem o ambiente alfabetizador compatível com o desenvolvimento da criança nessa faixa etária (CEED, 2005, p.5).

Desta forma a alfabetização transcende a questão mecânica versus compreensão. Ela tem uma dimensão social, não é a mesma para todas as sociedades nem para todas as camadas sociais de uma mesma sociedade. Por isso se fala hoje em letramento ou alfabetização funcional. Esse processo é complexo, multifacetado e possui condicionantes sociais, culturais e políticos importantes, por isso é tão difícil pensar um método de alfabetização, criar material didático e formar o alfabetizador, para não haver fracasso, o primeiro ano deve determinar quais são as propriedades, atributos e condições que caracterizam a alfabetização ou a criança alfabetizada.

Um dos eixos norteadores da ação educativa no primeiro ano do ensino fundamental deve ser o desenvolvimento das múltiplas linguagens, a socialização, o desenvolvimento da criatividade e da autonomia. Para isso, o professor precisa constituir uma prática docente que alie e incorpore diferentes elementos de linguagem, além de garantir, seu dia a dia, a prática do planejamento e da reflexão sobre o realizado.

De acordo com Rangel (2009), como integrar esses diferentes aspectos no processo de alfabetização? Primeiro, desenvolvendo o princípio do prazer. A aprendizagem precisa ser prazerosa. Como conseguir isto? Trata-se de crianças pequenas, elas adoram cantar, dançar, pular e saltar. Têm muita energia e pouca possibilidade de ficarem imóveis, ou sentadas por muito tempo. Poderão até se

concentrar muito fazendo algum jogo ou brincadeira, mas jamais como expectadoras passivas.

O processo de alfabetização deve abranger o conhecimento total das crianças, para que o educador possa montar a melhor estratégia de ensino-aprendizagem no seu trabalho em sala de aula. Desde os seis anos pode-se realizá-la com uma atividade coletiva de ditado, no qual se incentiva as crianças a escreverem do jeito que elas acham, cada aluno deverá inicialmente escrever seu nome e depois palavras com uma, duas, três, quatro sílabas e assim por diante.

A alfabetização inicia-se com a preparação da sala e a definição de uma rotina que contemple diversas atividades tais como: jogo livre, artes plásticas, música, educação física, recreação mo pátio, e outras que a escola ou professor julgar conveniente. Falando em música, pode-se selecionar uma série delas, do agrado do grupo e começar a alfabetização utilizando-as, seleciona-se a primeira música, as crianças aprenderão a cantá-la, a coreografá-la, a confeccionar instrumentos musicais e tocá-la.

O passo seguinte será o de selecionar algumas palavras da música, para trabalhar o decifrado, a escrita, o raciocínio lógico. As atividades poderão ser aquelas de colocarem a letra da música num cartaz grande e a professora apontará cada palavra que está sendo cantada. A primeira música pode ser a do alfabeto de parede, esse alfabeto ficará pendurado na parede até que todos os alunos já tenham memorizado todas as letras e seus respectivos nomes, poderá ficar até o final do ano letivo caso os alunos ainda o necessitem ou que haja espaço na parede, ainda para auxiliar mais, as vogais aparecerão em vermelho, as letras K, V, W e Y poderão aparecer em azul e as demais em preto, o conhecimento da ordem em que as letras aparecem no alfabeto, da sua forma, do seu som, é um conhecimento social. Não basta pendurar o alfabeto na parede, é preciso explorá-lo, verificar se todas as crianças estão dando o mesmo nome aos desenhos, se está claro para elas o que está desenhado, se são palavras do seu vocabulário, por isso todos os tipos de sílabas devem estar representados no alfabeto de parede.

De acordo com Rangel (2009), para se chegar ao conhecimento da linguagem escrita é necessário saber o que ela representa. Algumas acreditam que se escrevem como desenho, sem o qual não se pode ler; outras têm uma ideia de que nossa escrita representa o objeto e não o som. As primeiras escritas no processo de

alfabetização geram erros frequentes no início do mesmo. Surge então uma pergunta clássica: Deve se corrigir a criança ou deixá-la escrever errado? Alguns pesquisadores utilizam a teoria de Ferreiro que aponta o erro como uma etapa natural e necessária para a criança aprender, e a partir dessa leitura concluem que o professor não deve inibir a criança.

Segundo Ferreiro (2001), no desenvolvimento da escrita, a dificuldade para adotar o ponto de vista da criança é tão grande que ignoramos completamente as tentativas infantis para compreender o sistema de escrita. Até há poucos anos as primeiras tentativas de escrever feitas pelas crianças eram consideradas “garranchos”, como se a escrita devesse começar diretamente com letras convencionais bem feitas. Tudo o que ocorre antes é simplesmente considerado como tentativas de escrever e não como escrita real, mais ainda quando as crianças começavam a traçar letras convencionais, porém numa ordem não-convencional, o resultado é considerado uma “má” reprodução de alguma escrita que, por certo, teriam observado em algum outro lugar. Não é fácil encontrar educadores e investigadores capazes de interpretarem todas as sutilezas envolvidas nas produções escritas que precedem qualquer tentativa de estabelecer uma correspondência entre letras e sons.

A criança irá errar sim, pois ela acabará aprendendo a escrever certo. Ficará mais confiante, podendo escrever, comunicar-se e a correção virá com o tempo. Outro erro comum no início da aprendizagem da escrita de palavras iniciando da direita para a esquerda é a inversão ou a troca de letras, como ADNIA (para escrever Diana), ou ANAID, por exemplo. Isto é natural, e ocorre porque as crianças tratam as letras como se fossem objetos. Basta explicar-lhe que com as letras esse método não funciona que é preciso prestar atenção para o lado onde está virada e de que se escreve da esquerda para a direita. Insiste-se com a criança algumas vezes, até que ela memorize a informação.

> A maioria das escolas, porém, não permite que a criança faça o seu aprendizado pela escrita como fez do da fala. Ela não tem a liberdade para tentar, perguntar, errar, comparar, corrigir; tudo deve ser feito “certinho”, desde o primeiro dia de aula. (CAGLIARI, 2001, p.121).

Geralmente os docentes não percebem que a criança tem liberdade de errar, perceber, perguntar, corrigir. Tudo isso faz parte de um processo de associações, comparações e descobertas fundamentais para que se sintam seguros para atuarem diante das descobertas que acontecem durante a sua escolaridade.

Para Rangel (2009), passada essa primeira etapa, na qual as letras são escritas de qualquer forma e apenas a primeira é representada, os alunos escreverão uma letra para cada sílaba. Alunos muito pequenos que estejam num processo inicial de alfabetização se esforçam muito para escrever. É muito penoso para eles, pois os menores não possuem a motricidade fina bem desenvolvida e nenhum deles o domínio da forma das letras. Escrever uma palavra lhes consome muita energia, o ideal é que tenham pouquíssimas sessões com a escrita, é preciso pensar ainda que as sessões em que estejam sentados não devem ultrapassar de 30 a 45 minutos. É preciso alternar jogos de motricidade ampla com os jogos de motricidade fina, ainda que todos impliquem aprendizagem da alfabetização, dando um total de três horas por dia de jogos e atividades de alfabetização para as crianças de seis anos.

Ainda de acordo com Rangel (2009), a criança de seis anos deve escrever de forma espontânea e sua iniciativa valorizada. O incentivo do professor deve vir em momentos significativos e que justifiquem a escrita, ensinar a ler e escrever exige um estudo constante para conhecer como as crianças aprendem as práticas de linguagem e as atividades fundamentais em classe. O que não pode faltar na sala de aula é identificar o que cada criança da turma já sabe, realizando atividades com foco no sistema de escrita, perpassando nas práticas de linguagem, utilizando projetos didáticos para alfabetizar trabalhando com seqüências didáticas e por fim incluir atividades permanentes na rotina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino fundamental de nove anos não foi concebido com intuito de as crianças terem contato mais cedo com os conteúdos escolares, mas que se

apropriem mais cedo de oportunidades de conhecimento que a escola proporciona. Tampouco adiantar o processo de escrita e matemática.

Não é suficiente que estejam em contato físico com objetos, é necessário que sejam desafiadas e motivadas a elaborarem histórias, criarem novas regras. O importante é a interação que se organiza, como também a atividade de pensamento.

Dos dois aos sete anos a criança encontra-se no estágio do desenvolvimento chamado pré-operatório, no qual não segue regras muito elaboradas e entrega-se à fantasia. Caracteriza-se por grande curiosidade, imaginação, movimento e desejo de aprender e conhecer através do brincar e uso de múltiplas linguagens. A aprendizagem está vinculada ao lúdico, já que a criança está na fase do faz de conta e de outras linguagens, assim ela expressa seu mundo interno, seus sentimentos, afetos, etc.

Destaca-se assim a necessidade de se refletir acerca do ingresso no primeiro ano do ensino fundamental. Se não houver esse tipo de preocupação, o tempo da criança brincar estará reduzido, e a sua forma de aprender e de se expressar estará comprometida.

Dada a diversidade entre as crianças nesta transição do estágio pré-operatório ao operatório concreto, o primeiro ano configura-se como esse período em que as crianças podem e devem experimentar com riqueza de atividade intelectual, os conteúdos escolares.

Nesta etapa, o professor precisa ser um pesquisador ocupando-se em investigar como os alunos pensam. Assim, pode aprimorar suas atividades proporcionando desafios que façam a criança interagir e aprender cada vez mais.

REFERÊNCIAS

BARBATO, Silviane Bonaccorsi. **Integração da criança de seis anos ao ensino fundamental**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. 10. Ed. São Paulo: Scipione, 2001.

CEED. Parecer n. 752. **Diário Oficial**. Porto Alegre, RS: Conselho Estadual de Educação, 2005.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRA, Berta Weil; RIES, Bruno Edgar (Orgs). **Psicologia e educação**: desenvolvimento humano – infância. VI. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PINAZZA, Mônica Appezzato (org.). **Pedagogia(s) da infância**. Dialogando com o passado construindo o futuro. Porto alegre: Artmed, 2007. p. 13-36.

RANGEL, Annamaria Píffero. **Alfabetizar aos seis anos**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

RAPOPORT, Andrea; et.al. **A criança de seis anos no ensino fundamental**. Porto Alegre: mediação 2009.